

TEMPO E FORMA DA AVENIDA NOSSA SENHORA DA PENHA EM VITÓRIA/ES: MAPEAMENTO, LEITURA E INTERPRETAÇÃO

TIME AND SHAPE OF NOSSA SENHORA DA PENHA AVENUE IN VITÓRIA/ES: MAPPING, READING AND INTERPRETATION

Melissa Ramos da Silva Oliveira¹

Maria Augusta Deprá Bittencourt²

Miriã Aparecida Fidelis da Silva³

Resumo

O presente artigo analisa a forma urbana da Avenida Nossa Senhora da Penha, com recorte na sua conexão com a Praça do Cauê, situada na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. O objetivo desta investigação é compreender e interpretar o processo de formação e transformação da avenida, com foco nos elementos morfológicos e na sua morfogênese. Sublinha-se que a avenida sofreu modificações significativas na forma, advindas de três grandes momentos: o Plano Novo Arrabalde, os aterros e a construção da Terceira Ponte juntamente com a Praça do Pedágio. Utiliza-se a análise gráfica da cartografia urbana antiga e atual enquanto método de leitura e interpretação dos tipos morfológicos e morfogenéticos da avenida. A fundamentação teórica foi embasada na escola de morfologia urbana portuguesa, sobretudo na produção do laboratório Forma Urbis Lab. O redesenho da cartografia foi realizada no software Autocad. Os resultados demonstram que o enquadramento da avenida consubstancia-se como um eixo notável, que se tornou determinante para toda a evolução do espaço lindeiro ao mesmo.

Palavras-chave: Avenida Nossa Senhora da Penha; morfologia urbana; morfogênese; análise gráfica; cartografia urbana.

Abstract

This paper analyzes the urban shape of Nossa Senhora da Penha Avenue, focusing on its connection with Praça do Cauê [Cauê Square], located in the city of Vitória, the capital of Espírito Santo. The main goal of this research is to understand and interpret the process of how this Avenue has been formed and transformed, approaching the morphological elements and its morphogenesis. It is worth noting that the Avenue underwent significant changes in its shape, arising from three defining moments: the Novo Arrabalde Plan, the landfilling and the construction of the Terceira Ponte [Third Bridge], and the Praça do Pedágio [tollgate]. The Graphic Analyze method used the old and current urban cartography to read and interpret the

¹ Doutor, UVV – PPGAC/ Mestrado Arquitetura e Cidade, Vila Velha, ES, Brasil, melissa.oliveira@uvv.br; ORCID: 0000-0002-8529-5180

² Mestrando, UVV – PPGAC/ Arquitetura e Cidade, Vila Velha, ES, Brasil, proarqsolucoes@gmail.com, ORCID: 0000-0002-3115-8949

³ Graduando, UVV – Arquitetura e Urbanismo, Vila Velha, ES, Brasil, miriafideliss@gmail.com; ORCID: 0000-0001-9550-6482

morphological types of the Avenue. The theoretical foundation was based on the Portuguese Urban Morphology School, especially on the production of the FormaUrbis Lab. The cartography was redesigned using Autocad software. The results show that the framing of the Avenue embodies itself as a notable axis, which became decisive for the entire evolution of the space surrounding it.

Keywords: Nossa Senhora da Penha Avenue; urban morphology; morphogenesis; graphic analysis method; urban cartography.

1. Introdução

O estudo da cidade, baseado na forma urbana, perpassa a leitura do tecido urbano e implica a compreensão das ações e transformações, encadeadas no tempo, a partir de uma noção de evolução e morfogênese. Essa leitura, realizada no momento presente, resulta de um processo sedimentar gradual e cumulativo, que ilustra perdas, rupturas, adaptações e inovações, assim como permanências e resistências às mudanças. O tempo torna-se protagonista neste contexto ao ser considerado uma das dimensões essenciais da forma da cidade, sempre atrelado ao movimento, mesmo que oriundo de uma “metamorfose imperfeita” (COELHO, 2015, p. 13).

Invariavelmente, o estudo da forma urbana envolve a materialidade do objeto construído, todavia nele não se esgota. O estudo do tecido contempla as relações e as pessoas que o configuram e destaca a relevância dos atores na produção do espaço. O tecido urbano, como a expressão da realidade da cidade construída, constitui uma matéria com existência real e temporal, inclui indissociavelmente o espaço e o edificado, o público e o privado, no entendimento e na formação de toda cidade e nas relações consolidadas por e entre esses elementos.

Na escala do espaço público, destacam-se diversos elementos, todavia a rua compreende o elemento morfológico mais comum: configura a maior parte do traçado da cidade, é fundamental na relação público-privado, é indissociável do contexto urbano, pode ser o *lócus* de passagem ou permanência, configura relações que podem definir o lugar, além de constituir um elemento estruturante da paisagem e da imagem da cidade. Pode ainda ser utilizada como instrumento de leitura e interpretação da cidade e da produção urbana.

Os aspectos supracitados evidenciam a relevância da escala da rua e do objeto de estudo desta investigação - a Avenida Nossa Senhora da Penha em Vitória/ES, um dos eixos viários mais importantes da Ilha de Vitória. A área passou a ser zona de interesse quando o Engenheiro Sanitarista Saturnino de Brito, em 1896, projetou o Novo Arrabalde e definiu como eixo uma avenida que tinha visão privilegiada para o maior monumento histórico do Espírito Santo, o Convento da Penha. Dessa peculiaridade originou-se o nome da Avenida. O eixo da Penha foi implantado em um fundo de vale, para maior aproveitamento da planície, onde se localizam onze morros. A Avenida define um eixo de aproximadamente 2,8 quilômetros de extensão, onde avenidas importantes da cidade se cruzam e conformam um traçado caracterizado por uma malha quadriculada, desenhada no sentido nordeste-sudeste na porção inferior e leste-oeste na porção superior.

O objetivo desta pesquisa é analisar o processo de formação e evolução da Avenida Nossa Senhora da Penha e do seu entorno imediato, com foco nos elementos morfológicos e

morfogenéticos. Ressalta-se que a aproximação ao objeto de estudo realiza-se no presente sem, no entanto, desconsiderar que os elementos morfológicos atuais resultam de um processo evolutivo oriundos da sua morfogênese e resultam da acumulação de ações protagonizadas em uma ação assíncrona do tempo.

Essa pesquisa, de abordagem teórico-exploratória qualitativa, utiliza a análise gráfica como método interpretativo analítico e sintético da escala da rua, pautado em Coelho (2014). Para substanciar a análise, foram produzidos mapas no software Autocad, que compararam duas bases cartográficas: a de 1896 e a de 2020. Esta produção gráfica fundamentou a análise crítica, a leitura e a interpretação da forma urbana do Eixo da Penha.

O presente artigo está estruturado em três partes. A primeira discorre sobre a relação intrínseca entre o tempo e a forma na análise morfológica da rua, ao considerar que tantos os elementos da morfogênese quanto os relacionados a sua evolução são complementares e essenciais na leitura da forma urbana. A segunda parte trata do Plano Novo Arrabalde e a morfogênese urbana do Eixo da Penha. Fundamentado no método interpretativo analítico e sintético, a terceira parte realiza a decomposição dos elementos urbanos que caracterizam o tecido urbano da Avenida Nossa Senhora da Penha: traçado, malha, parcelário, praça e edificado.

2. Tempo e Forma na Análise Morfológica da Rua

A cidade é um artefato em constante metamorfose, no qual as mudanças, sejam sob o aspecto das formas ou das funções estabelecidas pela estrutura social presente no território, criam novas organizações socioespaciais, que segundo Lefebvre (1974), produzem e reproduzem o espaço cotidianamente. A produção do espaço, segundo Lamas (2004), resulta tanto de regras legais e de convenções sociais, quanto da maneira como as partes ou elementos da cidade são articulados e estruturados, no processo de planejamento da cidade, a partir de aspectos tais como densidades, fluxos, volumetria e uso do solo.

A atual forma da cidade resulta desse processo de produção do espaço e enuncia heranças coletivas e individuais, que expressam a acumulação e a integração de diversos indivíduos e pequenas ações de grupo, governadas por tradições culturais e modeladas por forças econômicas e sociais no tempo (MOUDON, 2015). Vale ressaltar que essas heranças não evocam somente o passado a partir do presente. Elas irão influenciar o futuro, pois irão constituir a forma física do presente que será lida, vivida e interpretada num futuro, imediato ou não. Como destaca Coelho (2015, p. 15), "a forma física da cidade de hoje é em alguma medida aquela que, mais ou menos reinterpretada, constituirá a forma construída dentro de 100, 500 ou 1.000 anos".

As expressões físicas do tempo se manifestam na cidade sedimentada, em movimentos muitas vezes assíncronos e não lineares, onde alguns elementos permanecem enquanto outros pressupõem a sobreposição em substituição ao preexistente. Fernandes (2014a) relata que a ação do tempo evidencia-se em três momentos: formação (processo de adições cumulativas e origem da estrutura urbana), transformação (processo evolutivo) e permanência (elemento que resiste ao processo de produção e sobrevive ao tempo).

Nesse sentido, a leitura e interpretação da cidade sedimentada possibilita a leitura do tecido urbano a partir do momento determinado em que se efetua a compreensão e sua justificação proveniente dos fatos que lhe originaram, o que inclui a apreensão do "ritmo

evolutivo de cada elemento que dela faz parte, seja a rua, a praça, o terreno, o edifício ou mesmo o quarteirão” (JUSTO, 2018, p. 216, tradução nossa⁴), ressaltando que o entendimento da origem da forma - sua morfogênese - é igualmente relevante a compreensão das permanências e resistências, para que a interpretação da forma urbana não seja descontextualizada e esvaziada de significados. Fernandes (2015) compactua dessa visão e destaca que essa análise perpassa o reconhecimento dos esquemas matriciais de assentamento, assim como a reflexão sobre a morfogênese, a especulação acerca dos elementos geradores e as relações estruturais que estão na origem de todos os processos.

O estudo do tecido urbano permite a compreensão dos elementos morfológicos e morfogenéticos, tendo em vista que uma das qualidades essenciais do tecido refere-se a sua capacidade de incorporar distintas e sucessivas fases de evolução, em um movimento assíncrono no tempo. Segundo Lamas (2004) para se entender uma cidade precisamos entender sua forma urbana desde os elementos de sua concepção original e analisá-la em diferentes escalas a partir da decomposição em camadas. Desta forma, a compreensão da cidade parte do entendimento de frações dessa cidade e em uma leitura que busca relacionar os processos que se somaram às camadas mais antigas, assim como as formas que resistiram ao processo evolutivo urbano ao longo do tempo. Conforme Trindade (2015, p. 61), a leitura morfogenética permite o fácil reconhecimento do “eventual arquétipo do programa”, evidenciado nos elementos indispensáveis à cidade, sem pré-existências ou práticas decorrentes de outras tradições.

A mutabilidade formal do tecido pode ser conhecida pela dimensão histórica, que na sua intrínseca continuidade se funde com o tempo por meio de uma sucessão de reações e crescimentos. Para Justo (2014), a história possibilita o reconhecimento dos tempos distintos da cidade, assim como o ritmo evolutivo de cada elemento, ao passo que possibilita identificar as rupturas e permanências de cada período. Todavia, é fundamental destacar que o tecido é sempre o momento mais recente, destarte suas transformações.

Ressalta-se que o tempo é protagonista, todavia sua relevância não se manifesta somente na sua longevidade, mas na obrigatoriedade de armazenar informações sucessivas que ocorrem continuamente, nem sempre de forma constante. Desse modo, o movimento e a evolução tornam a interpretação mais rica em cada contexto, ao evidenciar uma visão sincrônica e diacrônica da conformação espacial. Coelho (2015) sugere que a leitura do tecido urbano seja efetuada a partir da decomposição analítica dos elementos que o compõem: traçado, malha, praça, rua, quarteirão, parcela, edifício singular e comum - e leve em consideração aspectos da morfogênese, evolução, transformações, inter-relações e processos inerentes, que enaltecem o tempo como protagonista no estudo sistemático da forma da cidade. Neste estudo, adota-se a rua como objeto de estudo, a partir do pressuposto que ela se configura como um espaço público da cidade, um elemento morfológico linear e contínuo indissociável do tecido urbano pelas relações morfológicas e funcionais instauradas.

Proença (2014, p. 73) define a rua como o "espaço público limitado pelo espaço privado adjacente; acidentes geográficos de ruptura, como escarpas e planos de água; ou outros elementos morfológicos do espaço público distintos do considerado". Para Coelho (2015), a rua é conceituada como qualquer elemento do espaço público da cidade que constitua um canal ou um corredor, um elemento morfológico linear e contínuo no ambiente

⁴ “The evolutionary rhythm of each element that is part of it, the street, the square, the plot, the building or even the urban block”.

urbano público. Nesse contexto, destaca-se que a rua adquire o significado de itinerário e deslocamento, pela dupla função adquirida: "lugar e caminho entre lugares" (PROENÇA, 2015, p. 116). Proença compactua com a visão de Lamas (2004, p. 100) que compreende a rua pela "deslocação, percurso, mobilidade de bens, pessoas e ideias".

O trecho de estudo desta investigação é a Avenida Nossa Senhora da Penha, popularmente denominada de "Reta da Penha", localizada na cidade de Vitória/ES. Por questões metodológicas, definiu-se o seguinte recorte: do cruzamento da Avenida Rio Branco, que corta o eixo entre os bairros Praia do Canto e Santa Lúcia, se estende pela praça do Cauê e seu entorno imediato até a praça do pedágio que estabelece o acesso à Terceira Ponte. A opção por esse recorte justifica-se pelas permanências e rupturas que marcaram a Avenida e a história dos bairros do entorno, oriundos de três grandes momentos: o Plano Novo Arrabalde, os aterros e a construção da Terceira Ponte. Acredita-se que esse recorte possa melhor descrever esses momentos, que serão esmiuçados a seguir.

3. O Plano Novo Arrabalde e a Morfogênese Urbana do Eixo da Penha

Para a compreensão da morfologia atual da Reta da Penha e quais processos urbanísticos a constituíram, ressalta-se a necessidade de apreensão da sua morfogênese, assim como dos agentes responsáveis e suas relações presentes nos fatores que marcaram sua origem.

Para vislumbrar a origem da Avenida Nossa Senhora da Penha, faz-se necessário primeiramente percorrer sobre a fundação da Vila Nova (atual centro de Vitória), por volta de 1550. Como grande parte das cidades de origem portuguesa, a escolha do local para implantação da vila da capitania do Espírito Santo, após a saída de Vila Velha, foi norteada pela geografia como forma de proteção. Por esse motivo, o sítio perfeito foi à ilha Duarte Lemos, pelos seguintes motivos: era a maior ilha da baía, era constituída por colinas e morros margeados pelo canal e sua geografia natural constituía-se como uma barreira de proteção de possíveis ataques e invasores (SANTOS, 1999, pg 22). Aliada a geografia favorável de proteção, outro aspecto importante que caracterizou as cidades de origem portuguesa foi sua morfologia de ocupação, baseada no terreno, tanto no que diz respeito a abertura de ruas e formação do traçado, como as características típicas das edificações e construções, o que vem a ser uma concepção bem similar a todas as vilas coloniais, e se tornará o retrato urbano do Brasil Colonial.

Ao longo de três séculos e meio, em um período compreendido entre a fundação em 1550 até meados do século XX, Vitória se limitou urbanisticamente em torno de seu núcleo urbano inicial, ocupando as áreas altas da ilha, uma vez que suas partes baixas eram de difícil ocupação principalmente pelos constantes alagamentos. Foi somente com o crescimento da economia, alavancado pela prosperidade da produção de café no governo de Muniz Freire (1892-1896), que começaram os esforços de busca por alternativas efetivas à mudança da tipologia urbana da cidade. Em 1895, Muniz Freire constituiu a Comissão de Melhoramentos de Vitória, presidida por Saturnino de Brito. Esta Comissão efetuou a proposição de um plano de expansão da cidade de Vitória, conhecido como Novo Arrabalde, e constituiu-se como o projeto de loteamento no lado leste da ilha de Vitória, compreendendo uma área seis vezes maior que a então ocupada pela Capital (CAMPOS JÚNIOR, 1996).

O Projeto do Novo Arrabalde foi o primeiro plano de expansão urbana da cidade, assim como o mais emblemático de toda a história da evolução urbana de Vitória, uma vez que orientou tanto as futuras ocupações quanto baseou-se em um preciso levantamento

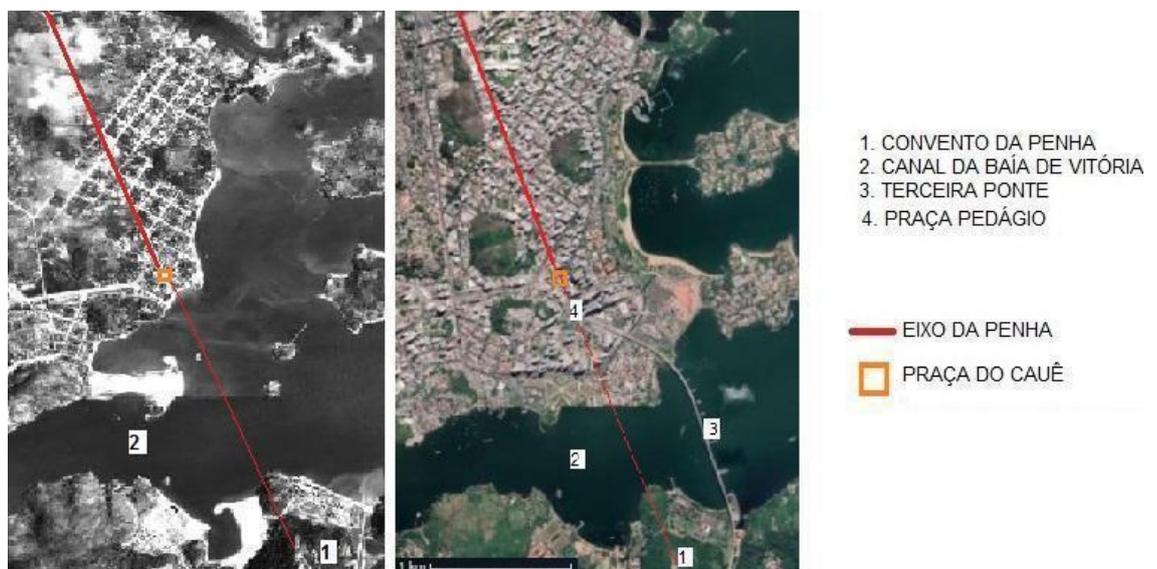
topográfico de áreas, na discriminação detalhada em planta das áreas de solo firme e de solo úmido (brejos e mangues) e no rigor da locação dos arruamentos, sempre pautado na ciência civilizadora e modernizadora da sociedade europeia da época (MENDONÇA *et al*, 2009). O projeto pautou-se em elementos determinantes da topografia local, cercado de morros como Alameda Costa Ferraz, Morro do Suá, Morro Itapenamby.

O traçado do arruamento proposto por Saturnino de Brito para a área principal do projeto de Vitória estrutura-se por meio de duas longas e retas avenidas, a Avenida da Penha e a Norte-Sul, atuais Avenida Nossa Senhora da Penha e Avenida Leitão da Silva, que cortam diagonalmente uma malha retangular, a convergência dessas avenidas se dá ao norte em um “ângulo argutíssimo”, configurando um triângulo, cuja base é outra avenida menor, mas de igual largura, denominada Ordem e Progresso, partes das atuais avenidas César Hilal e Desembargador Santos Neves (MENDONÇA *et al.*, 2009, p. 49).

O projeto do Novo Arrabalde realizou uma proposta de ocupação cautelosa desse local, de modo que a implantação fosse abraçada pela topografia em um fundo de vale (Figura 1). A análise morfológica do plano de Saturnino de Brito, efetuada por Mendonça *et al* (2009), considera que o Plano possuía um traçado pitoresco, uma vez que a regularidade dos lotes e das ruas interagiu de forma simbiótica com a paisagem e com a topografia do terreno, o que evidencia que esse tipo de traçado não só valorizou o sítio natural como proporcionou o equilíbrio dos novos elementos urbanos e aspectos artificiais a paisagem urbana.

O desenho da Reta da Penha delineou um cone visual para o Morro da Penha e o Convento, ambos situados do outro lado da Baía de Vitória (CAMPOS JÚNIOR, 1996). O eixo terminava em um largo defronte ao mar, que finalizaria a proposta de ocupação de 1896, como ilustram as Figura 1 e 2.

Figura 1: Projeto de Saturnino de Brito e o Eixo da Penha



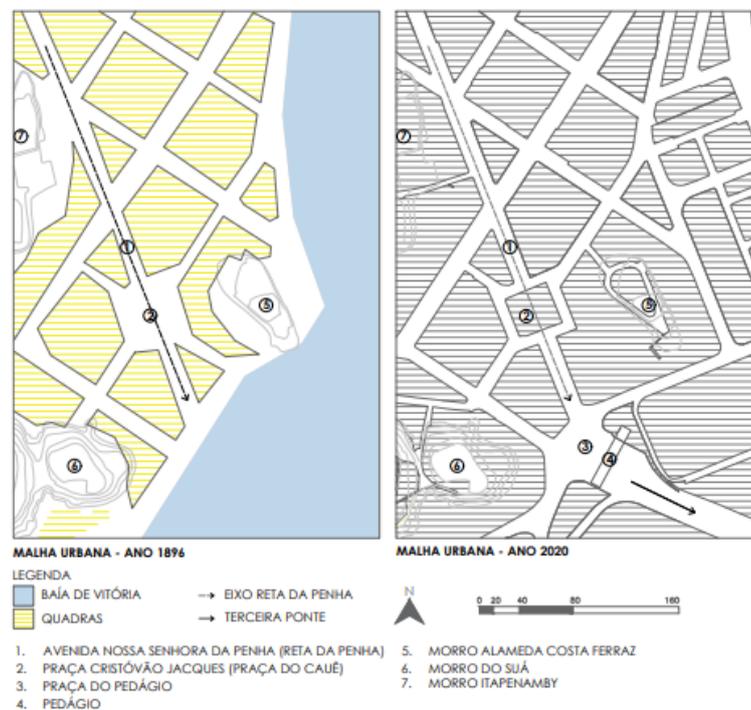
Fonte: Elaborado pelos Autores.

Desde o final do século XIX, a Baía de Vitória passou por uma sequência de 8 aterros de grande porte: Aterros do Parque Moscoso, Aterros do Porto de Vitória, Aterros da Ilha do

Príncipe, Aterros da Esplanada capixaba, Aterros da Praia Comprida, Aterros de Bento Ferreira, Aterros da Enseada do Suá e o Aterro de São Pedro e Andorinhas (ESPINDULA e MENDONÇA, 2017). Os aterros da Praia Comprida aconteceram dentro do Plano de Saturnino de Brito, enquanto os aterros da Enseada do Suá ocorreram a partir da década de 1970, relacionados aos "Aterros da Comdusa" na parte leste da ilha e foram projetados pelo arquiteto Jolindo Martins Filho (SÁ e BOURGUIGNON, 2016). Esses aterros modificaram e inseriram novos elementos à paisagem, provocando alterações no espaço físico e na configuração do contorno da Ilha.

Desde o final do século XIX, a Baía de Vitória passou por uma sequência de 8 aterros de grande porte: Aterros do Parque Moscoso, Aterros do Porto de Vitória, Aterros da Ilha do Príncipe, Aterros da Esplanada capixaba, Aterros da Praia Comprida, Aterros de Bento Ferreira, Aterros da Enseada do Suá e o Aterro de São Pedro e Andorinhas (ESPINDULA e MENDONÇA, 2017). Os aterros da Praia Comprida aconteceram dentro do Plano de Saturnino de Brito, enquanto os aterros da Enseada do Suá ocorreram a partir da década de 1970, relacionados aos "Aterros da Comdusa" na parte leste da ilha e foram projetados pelo arquiteto Jolindo Martins Filho (SÁ e BOURGUIGNON, 2016). Esses aterros modificaram e inseriram novos elementos à paisagem, provocando alterações no espaço físico e na configuração do contorno da Ilha.

Figura 2: Recorte da área de estudo com marcação do eixo viário da Reta da Penha



Fonte: Elaborado pelos Autores.

No final da década de 1989, finalizou-se a construção da “Terceira Ponte” (Ponte Deputado Darcy Castello de Mendonça) e da praça do pedágio, respectivamente. A ponte possibilitou novas conexões e se tornou um importante dispersor de fluxos. Se por um lado a ponte possibilitou novas conexões, por outro gerou um aumento de fluxo significativo e

intensificou os congestionamentos no interior do bairro. Nesse contexto, a Praça do Cauê ficou isolada e se tornou praticamente uma grande rotatória, o que alterou significativamente sua forma urbana se comparada a sua morfogênese.

4. Decomposição do tecido urbano da Reta da Penha

O tecido urbano é um todo que pode ser analisado em escalas distintas, ou como destaca Lamas (2004), em decorrência de uma "escala de leitura" ao configurar os elementos mínimos de compreensão. A análise gráfica permite essa interpretação, pois constitui um importante instrumento de síntese, que possibilita a decomposição analítica dos elementos morfológicos, assim como a produção de cartografia comparativa em escala compatível de leitura. Nesta investigação, utilizou-se o método de "decomposição analítica e sintética dos elementos" fundamentado por Coelho (2014), assim como o "método gráfico analítico-interpretativo de síntese" utilizado por Oliveira e Almonfrey (2000), para sobreposição cartográfica antiga e atual desses elementos, de modo a subsidiar a interpretação e leitura dos elementos morfológicos.

Efetuuou-se, no Autocad, o redesenho das seguintes fontes documentais primárias cartográficas: a) planta do projeto urbanístico do Novo Arrabalde com parcelamento de quarteirões, elaborado pelo engenheiro Francisco Saturnino Rodrigues Brito para o Governo do Estado do Espírito Santo no ano de 1896, na escala 1:4000, produzido pela Comissão de Melhoramentos da Capital do Estado do Espírito Santo e disponível do Atlas Urbanístico de Vitória; b) base cartográfica de agosto de 2020 (SEMFA/GEO) disponibilizada pelo site GeoWeb. Posteriormente, realizou-se a sobreposição da cartografia redesenhada de 1896 com a de 2020, na mesma escala e linguagem gráfica para equalização da representação, de modo a possibilitar a leitura conjectural dos mapas, que constituem parte essencial da argumentação, e não meramente ilustração.

A cartografia produzida ilustra em camadas os aspectos morfológicos que caracterizam o processo evolutivo do eixo, desde a sua morfogênese, permitindo isolar os elementos de composição da forma urbana específicos de cada período de desenvolvimento, de modo a construir o desenho síntese dos elementos. Essa equalização permitiu a reflexão, interpretação e leitura do Eixo da Penha, a partir dos seguintes elementos: traçado, malha, parcelário, praça e edificado.

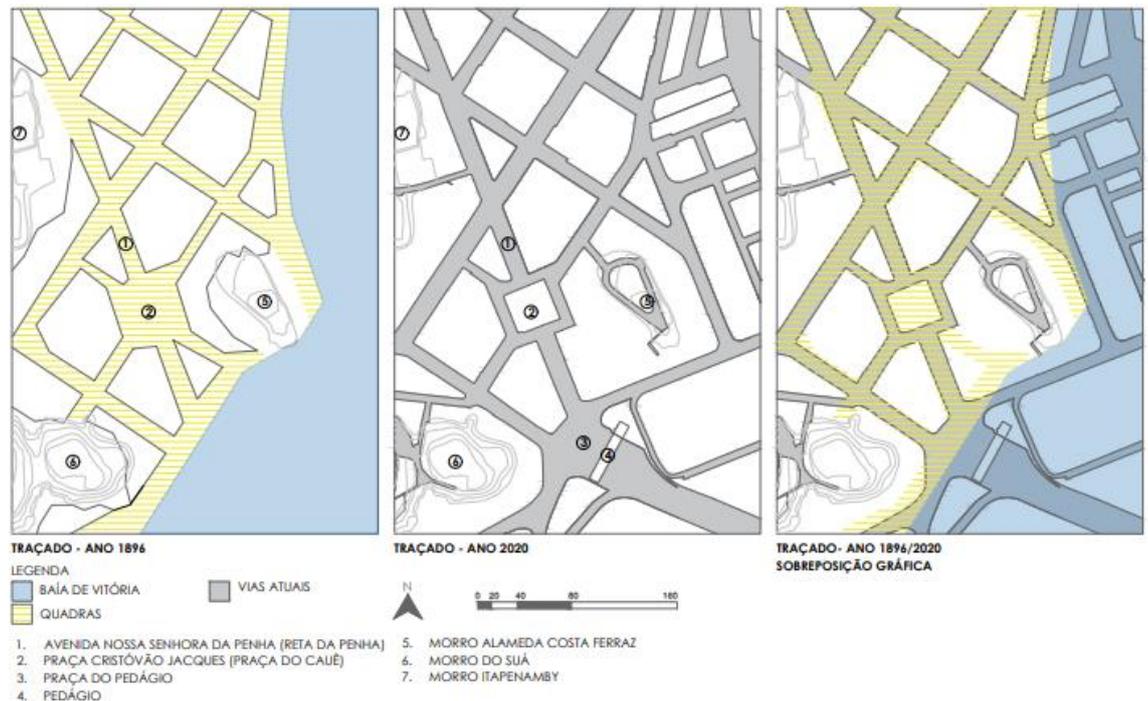
4.1. Traçado Urbano

O traçado é o elemento de maior visibilidade do tecido urbano, pois pode ser identificado tanto na sua morfogênese pelo desenho que o concebeu quanto na percepção e vivência da forma da cidade. Para Lamas (2004, p. 99-100), o traçado assenta-se em um "suporte geográfico preexistente, regula a disposição dos edifícios e quarteirões, liga os vários espaços e parte da cidade, e confunde-se com o gesto do criador".

A análise do traçado urbano em relação ao sítio, no recorte de estudo, evidencia que o relevo constitui um "elemento gerador de traçado" (FERNANDES, 2014b) ao condicionar a implantação do eixo no fundo de vale, entre os morros existentes, em uma área antigamente considerada alagadiça (Figura 1). O traçado de desenho quadriculado, esboçado no sentido nordeste-sudeste, sobrepõe-se ao eixo, que próximo ao mar, se abria em um largo de formato quadrado (Figura 3 - mapa de 1896). Vale ressaltar que as avenidas diagonais - como a Reta da

Penha - foram desenhadas 'rasgando' o traçado em formato de xadrez para facilitar a drenagem das águas em direção a Baía de Vitória.

Figura 3: Leitura comparativa do traçado de 1896 e 2020



Fonte: Elaborado pelos Autores.

Verifica-se que os morros, na concepção original do traçado, constituíram um "fator deformador" (FERNANDES, 2014b) ao romperem a linearidade e definirem quarteirões irregulares, nos quais as vias contornavam os morros e rompiam com a regularidade do traçado quadriculado. É perceptível o quanto o desenho regular que corta a avenida Nossa Senhora da Penha, da sua morfogênese até a atualidade, sofreu poucas alterações, como ilustra a Figura 3. Todavia, a expansão do traçado, na faixa de água antes existente, consolida a ruptura ao se observar o contraste decorrente do novo desenho, que não possui um desenho regular e com uma hierarquia viária bem definida (Figura 3 - mapa de 2020).

A análise dos mapas evidenciou ainda que, no passado, o traçado viário contornava os morros na sua base. Com o passar dos anos e a consequente ocupação dos morros, o sistema viário subiu os morros e consolidou um traçado mais orgânico, sobretudo devido às altas declividades de alguns deles. É evidente que esse traçado não possui articulação com as vias do fundo de vale e expressa que a necessidade de expansão foi superior ao projeto proposto que estava limitado à área planejada da região.

4.2. Malha Urbana

A malha urbana estabelece a convergência entre as parcelas e as vias, ou seja, o modo como o tecido urbano é definido em decorrência da complexidade da rede viária. Ao empreender a

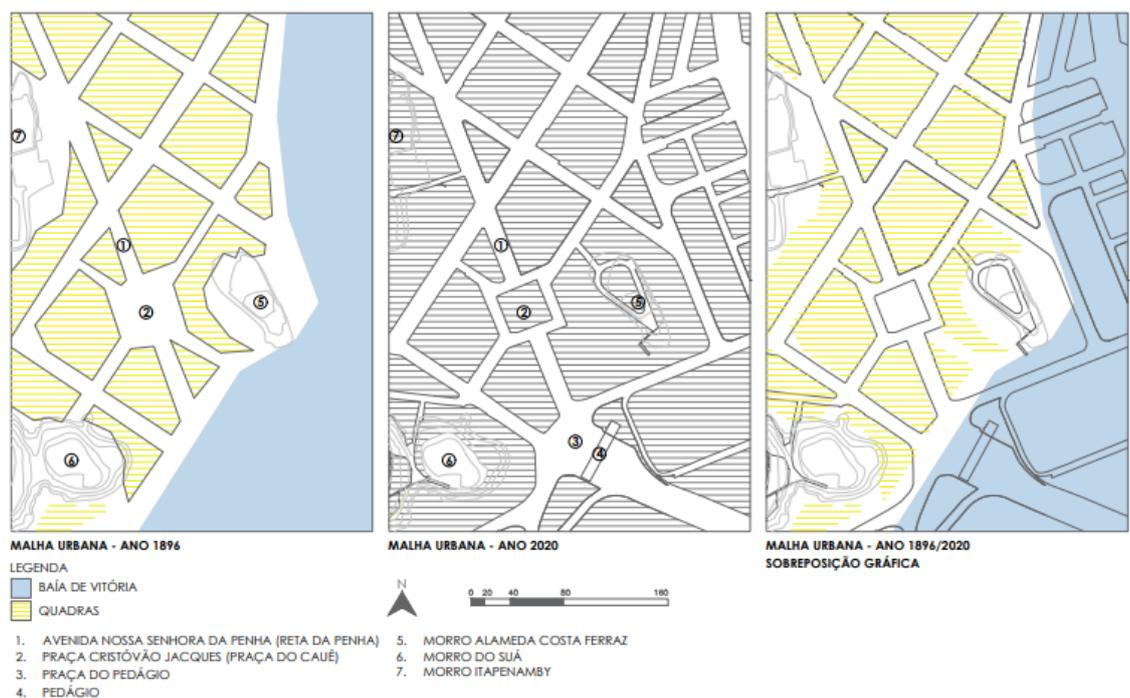
leitura da malha urbana a partir da relação com o bairro Santa Helena, destaca-se que o local foi “engolido” pelos aterros da Enseada do Suá, o que transforma o bairro então balneário, em uma área de passagem, ao conectar uma das principais avenida da cidade ao bairro Enseada do Suá e ao acesso a Terceira Ponte, como se observa na Figura 4.

A malha urbana na sua matriz inicial, evidencia uma ordenação linear identificada pelo formato regular das quadras predominantemente quadriculadas. Segundo Botechia (2014, p. 8), os quarteirões eram uniformes e possuíam um tamanho aproximado de “98 x 63m, com lotes de 14 x 21m”.

Essa matriz sobreviveu ao processo de expansão urbana, aos aterros e à consolidação do núcleo urbano. A análise comparativa dos elementos morfogenéticos com os morfológicos consolidados após os aterros evidencia que a ocupação preenche a área antes ocupada pelo mar, como ilustra a Figura 4. Santos (1994, p. 96) denomina esse processo de “formação/transformação urbana por adição” ao consolidar o crescimento articulado às estruturas existentes, com reforço dos meios de transporte, abastecimento e comunicação. Apesar da ruptura do traçado e da malha - entre o entorno do eixo e a nova área de expansão-, a articulação com o suporte infraestrutural pré-existente se evidencia e repercute no processo de formação urbana.

As transformações também são evidentes na leitura do programa. Segundo Trindade (2015), a compreensão do programa possibilita identificar os atores, a apropriação no terreno e a forma resultante desse processo de interação. Na área de investigação desta pesquisa, a leitura do programa inicial é simples: o local foi pensado como uma área predominantemente residencial, prevista para uma “densidade bruta de 51 hab/ha” (BOTECHIA, 2014, p. 7), dotada de habitação, espaços livres de uso coletivo, parque urbano e cemitério.

Figura 4: Leitura comparativa da malha urbana de 1896 e 2020



Fonte: Elaborado pelos Autores.

A análise demonstra também que a ocupação deixou de ser apenas no fundo do vale e subiu os morros, gerando o que denomina-se na atualidade por ocupações informais, principalmente no Morro do Suá e Itapenamby, enquanto a Alameda foi ocupada por condomínios que utilizam o morro como porta de entrada. Na Figura 4, representação de 1896, fica evidente a malha contornando o morro enquanto na de 2020 a ocupação se faz presente nos morros.

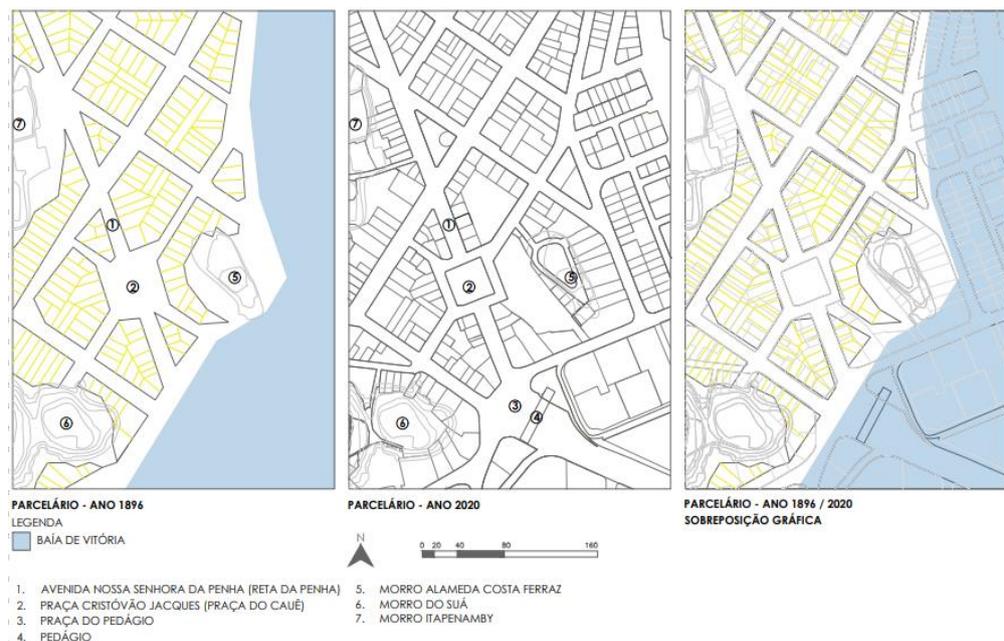
4.3. Parcelário

A parcela é uma componente urbana importante na análise morfológica e evolutiva do território. Segundo Leite (2015), a parcela constitui uma unidade delimitada, regular ou irregular, que permite o suporte do edificado e materializa fisicamente a divisão de propriedades, rural ou urbana, além de configurar um dos principais suportes ou condicionadores da organização e evolução espacial. Enfim, a parcela relaciona-se ao componente morfológico elementar do espaço privado.

A análise gráfica ressalta que é possível identificar um agrupamento homogêneo no desenho da parcela inicial - os quarteirões eram divididos em lotes estreitos e compridos, as parcelas possuíam aproximadamente 14 por 21m e praticamente todas as faces dos quarteirões eram tangenciadas pelos lotes, como mostra a Figura 5 - mapa de 1896. As construções eram edificadas, com acesso direto às vias de circulação, o que consolida o diálogo entre parcela e rua e equaliza a relação entre parcela e forma pública da cidade.

As parcelas eram unifamiliares, os gabaritos eram predominantemente baixos o que configurava ao local regularidade formal e densidade baixa. A investigação mostrou que a estrutura parcelar advém de um planejamento regulador que previa o crescimento urbano em uma área de expansão.

Figura 5: Leitura comparativa do parcelário de 1896 e 2020



Fonte: Elaborado pelos Autores.

De modo geral, a estrutura parcelar se manteve e preservou características advindas da sua gênese, tais como as relações de proporção e padrões de desenhos. Todavia, a pesquisa mostrou que ao longo dos anos, o parcelário sofreu alterações decorrentes do crescimento populacional, determinado por fatores como verticalização, aumento da densidade populacional, valorização imobiliária, entre outros. As mudanças no padrão de ocupação e a demanda por mais lotes, além da ocupação do aterro, influenciou a ocupação e o parcelamento das áreas de morro que criou uma aparente desorganização advinda de um processo de metamorfose morfológica e funcional, como é possível perceber no mapa de sobreposição.

Outro aspecto relevante decorre do processo de verticalização e implantação de grandes condomínios, que promoveram a unificação dos lotes. A área, na atualidade, apresenta prédios com gabarito altos, alguns com até 21 pavimentos, por exemplo. Essa ruptura constitui uma sutura na paisagem urbana e evidencia que as parcelas refletem os interesses individuais e mercadológicos de cada época.

4.4. Praça

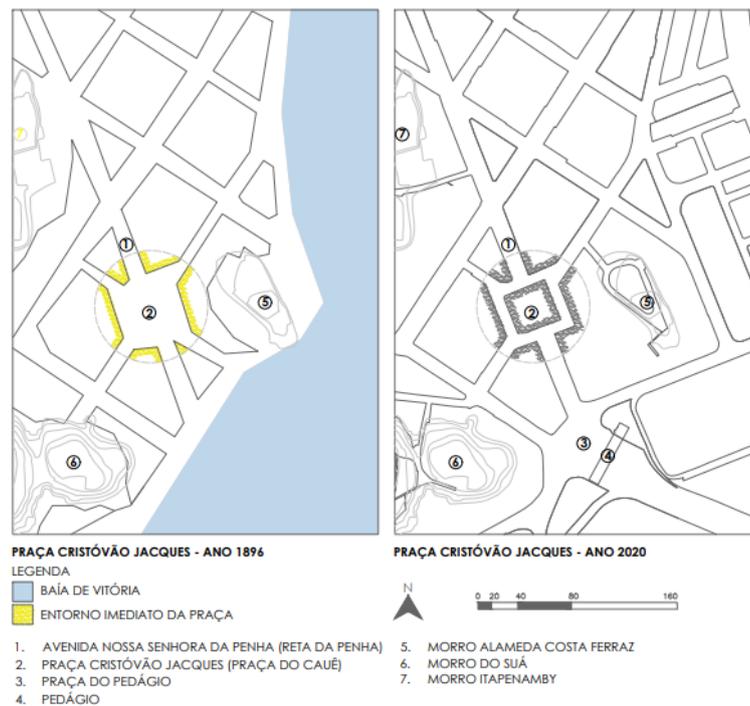
A praça constitui parte integrante da estrutura urbana. Para Lamas (2004), a praça constitui um elemento morfológico característico das cidades ocidentais. Assim como os demais elementos constituintes da forma urbana, ela está suscetível às ações contínuas do tempo.

Ao final da avenida, o engenheiro Saturnino de Brito, dentro do projeto Novo Arrabalde (Figura 6), concebeu um largo - um espaço vazio, não edificado. Conforme destaca Lamas (2004), um largo não constitui efetivamente uma praça. A porção de terra correspondente ao que hoje chamamos denomina-se de praça sempre existiu, como pode ser observado na figura 6. Saturnino de Brito finalizou o desenho do Novo Arrabalde com um espaço aberto à beira mar. Essa área delimitou-se a si mesma a partir do crescimento regional, onde as construções limitaram as vias e o ambiente central tornou-se o diferencial entre as grandes construções.

Nos arquivos municipais, há registros da praça na década de 1920. Em 1948, o nome da praça, instituído pela Lei 21, foi Benjamin Constant. Em 2007, a lei 7.053 alterou para Cristóvão Jacques. A partir da transformação nominal houve também transformações de uso tanto no interior quanto no exterior da Praça.

A leitura interpretativa permite que ela seja definida como um dos elementos menos estáticos da morfologia urbana, tendo em vista que seu espaço, apesar de ser consequência do desenho do tecido, não está preso a essa única relação, pois mantém contato com todos os outros elementos morfológicos. Todavia, compactuamos da visão de Lamas (2004, p. 102) que defende que a conceituação de praça implica no seu reconhecimento como um “espaço coletivo de significação importante”, ou seja, a praça está associada a uma centralidade cultural, que resulta de uma sucessão de ações intencionais, do investimento preciso de várias culturas no tempo, modificando o desenho, o uso e o caráter identitário do espaço à sua medida (SILVA, 2015).

Figura 6: Largo de 1896 e futuramente Praça Cristóvão Jacques ou Praça do Cauê (2020)



Fonte: Elaborado pelos Autores.

Silva (2015, p. 84) descreve ainda que a praça resulta de lentos processos de sedimentação decorrentes da “conjugação de diferentes momentos temporais, modelos ou significados, sempre numa relação primordial entre o contexto e o sujeito”. No contexto da Avenida Nossa Senhora da Penha, o Largo se transformou em praça quando usos e apropriações se configuraram no local, a partir de um lugar delineado fisicamente no interior do antigo largo e da consolidação de um espaço público ao centro.

A construção da praça do pedágio em 1998 intensificou o fluxo de veículos ao redor da Praça do Cauê, que praticamente se tornou uma grande rotatória e, conseqüentemente, um dos maiores nós viários da cidade de Vitória. Essa supervalorização do transporte rodoviário automobilístico transformou o entorno da praça em um intenso local de passagem, que constantemente desperta críticas, assim como propostas para a possível retirada da praça ou criação de viadutos.

Apesar do congestionamento ao redor da Praça do Cauê, para os moradores a praça é e sempre foi sinônimo de lazer. Ela possui no seu interior quadra poliesportiva, áreas de pet park, locais de permanência, que constituem dinâmicas internas que se isolam dentro da praça e possuem pouca relação com o casario edificado do entorno. A praça consolida ambiências urbanas peculiares e singulares em seu interior.

4.5. O Edificado

O edificado corresponde ao conjunto de espaços privados ou semi públicos, inseridos em parcelas (lotes) e/ou quarteirões, que constituem a forma da cidade. Para Coelho (2015), os edifícios se dividem em edifícios comuns e singulares. Os edifícios comuns são discretos

enquanto os singulares são monumentais e únicos e se destacam na paisagem. Na área, destaca-se o Convento da Penha como um edifício notável. O desenho da Avenida Reta da Penha foi pensado com o intuito de enaltecer o edifício e valorizar um dos maiores símbolos e o patrimônio mais conhecido do Estado do Espírito Santo.

A investigação mostrou que o projeto de Saturnino de Britto possui registros que datam de 1896, contudo a ocupação efetiva da área consolidou-se somente a partir do século XX. Apesar dos incentivos governamentais, as pessoas não demonstraram interesse em adquirir lotes na região da Praia Comprida, pelo fato da área estar relativamente afastada do núcleo principal da vida urbana cotidiana, situada no centro comercial da Ilha, especificamente na porção circundante ao Parque Moscoso e ao Palácio do Governo.

Figura 7: o edificado do Século XX e do Século XXI



Fonte: Elaborado pelos Autores.

Os investimentos em infraestrutura viária, sobretudo a construção da Avenida Beira Mar, efetuaram a conexão do centro velho com a nova área de expansão - conferiram destaque ao entorno da Reta da Penha e transformaram o bairro em um local para descanso e lazer próximo ao balneário existente. Desse modo, surgiram as primeiras construções de veraneio onde as famílias vinham para aproveitar o tempo de descanso. O padrão construtivo das casas dependia do perfil do proprietário, pois haviam as casas dos operários, residências econômicas e algumas de grande porte. O gabarito das construções variava entre um e 3 pavimentos, as construções ocupavam parte do lote havendo espaço suficiente para grandes afastamentos frontais, como pode ser observado no mapa com indicação do final do séc.XIX e início do séc. XX (Figura 7).

Somente ao longo da década de 1970 que efetivamente começou o processo de verticalização do bairro Praia do Canto, onde as antigas casas unifamiliares deram lugar a edificações residenciais multifamiliares. Esse processo se intensificou nas décadas seguintes, e esse processo foi responsável pela mais significativa mudança na paisagem no que se refere ao edificado - a verticalização da área. As construções predominantemente baixas do século XX caracterizavam uma paisagem urbana clara e aberta ao eixo, conectada diretamente com o mar. Contudo, a crescente ocupação gerou uma demanda por edifícios mais altos e a classe trabalhadora que inicialmente ocupou a área, foi deslocada para os morros, acentuando o contraste social e visual. A paisagem se tornou mais densa e suturada, o que corroborou para reafirmar o eixo a partir das alturas edificadas no entorno imediato da via principal. Ademais, esse padrão de ocupação tornou menos notório a ocupação do fundo de vale, ao consolidar uma densa ocupação de toda a região, onde morros e planos estão intrinsecamente conectados diretamente sem visão para o limite de cada um.

5. Considerações Finais

O estudo dos elementos morfogenéticos da Avenida Nossa Senhora da Penha, sublinhou características consideradas importantes enquanto contributos potencialmente geradores e transformadores da forma urbana, assim como elencou aspectos relevantes que embasaram a leitura do tecido urbano. A análise cartográfica comparativa constatou que o traçado e a malha - oriundos do projeto de Saturnino de Brito - definiram a morfogênese da Avenida Nossa Senhora da Penha. A pesquisa identificou ainda que o eixo consolidado neste projeto constituiu um elemento influenciador para permanência do desenho urbano proposto inicialmente.

Na análise gráfica de 1896, é notório como a demanda de crescimento estava voltada para o desenvolvimento das vias em detrimento dos outros elementos. Quando Saturnino de Brito ratificou o eixo no fundo do vale, a composição urbana consolidou essa organização, que permanece até os dias atuais. No século XX, quando iniciou-se a implantação do projeto, a cartografia ressalta que o limite do relevo foi respeitado, o que delineou uma espécie de abraço de toda área de expansão. A ocupação dessas regiões, nessa época, era considerada improvável, principalmente devido a valorização do aspecto higienista e sanitaria do projeto. Apesar dessas intercorrências, a ocupação não somente se consolidou, como promoveu um processo de expansão urbana. A análise gráfica demonstrou que, recentemente, a ocupação de morros é uma normalidade. Evidenciou também que a cidade cresceu sobre o mar, soterrou seus contornos originais e concebeu novas ruas, praças, pontes, parques, prédios e grandes avenidas, pautado em um discurso de modernização.

A pesquisa suscitou o seguinte questionamento: em que momento a topografia pode ter sido um empecilho de ocupação? Para alguns autores, o projeto de Saturnino de Brito pode ter acarretado um entendimento de que a topografia representava uma barreira para a ocupação. Todavia, a análise da cartografia produzida nos mostra que preocupações higienistas condicionaram as primeiras ocupações, que contornavam os morros. Contudo os ideias higienistas foram pressionados pela demanda de espaço para ocupação residencial e comercial do século XXI, levando a ocupação dos morros, sendo atualmente uma normalidade em qualquer ambiente urbano altamente adensado.

A pesquisa evidencia que o traçado que cruza a Avenida Reta da Penha permaneceu praticamente o mesmo e não sofreu rupturas ou alterações morfológicas significativas.

Todavia, o tecido revela grandes transformações que alteraram significativamente a forma urbana da avenida e consolidaram a história e a identidade do local, sobretudo nos aspectos que tangenciam o edificado, a praça e o parcelário.

A investigação suscitou novas interpretações acerca do quesito de marcação do cone visual proposto inicialmente. O desenvolvimento da região e a demasiada ocupação ao longo do tempo induziu a verticalização. Esse novo formato de ocupar a cidade transformou a paisagem visual aberta e aparentemente calma em um ambiente urbano fervoroso, onde o eixo passou a ser uma questão primária para os veículos e secundária para pedestres, considerando que a verticalização se tornou o primeiro elemento a ser visto em um nível de caminhabilidade.

O estudo da forma urbana da Avenida Nossa Senhora da Penha, com foco nos elementos morfológicos e morfogenéticos ressalta a importância dos tempos da cidade e seus processos históricos pois, o desenvolvimento da cidade, produz uma acumulação de formas, que resistem ao tempo, deixam suas marcas físicas, mas ao mesmo tempo constroem a memória de um lugar e criam vínculos afetivos do espaço com seus usuários, que consolidam relações identitárias com o espaço. “Na cidade, parte da importância que atribuímos à sua forma é a de transportar consigo a memória de si mesma, ou seja, a memória do locus da cidade” (PROENÇA, 2014, p. 47).

Referências

BOTECHIA, Flávia Ribeiro. Permanências ambientais em Vitória (ES). *Anais do IX Colóquio Quapá SEL*, Vitória, 2014.

CAMPOS JÚNIOR, Carlos Teixeira de. *O Novo Arrabalde*. Vitória: PMV, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996.

COELHO, Carlos Dias. *Os tempos da cidade. Uma metamorfose incompleta*. In: COELHO, Carlos Dias (coord). O tempo e a forma. Lisboa: Argumentum, 2014. Cap. 1, p. 12-31 (Cadernos Murb - Morfologia urbana 2. Estudos da cidade portuguesa).

COELHO, Carlos Dias. *O Tecido. Leitura e interpretação*. In: COELHO, Carlos Dias (coord). Os elementos urbanos. Lisboa: Argumentum, 2015. (Cadernos Murb - Morfologia urbana 1. Estudos da cidade portuguesa).

ESPINDULA, Lidiane; MENDONÇA, Eneida Maria Souza. A paisagem e o Plano de Urbanização da Praia do Suá, Vitória – ES. Paranoá. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Dossiê Brasil-África do Sul, n. 18, p. 54-66, 2017. Doi: <http://dx.doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n18.2017.09>.

FERNANDES, Sérgio Miguel Padrão. *O traçado. O sítio e a forma da cidade*. In: COELHO, Carlos Dias (coord). Os elementos urbanos. Lisboa: Argumentum, 2015. Cap. 2, p. 36-57. (Cadernos Murb - Morfologia urbana 1. Estudos da cidade portuguesa).

FERNANDES, Sérgio Miguel Padrão. *Gênese e forma dos traçados portugueses*. 2014. 844. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014a.

FERNANDES, Sérgio Miguel Padrão. *Fundação e evolução dos traçados urbanos. Matrizes elementares de assentamento e derivações complexas*. In: COELHO, Carlos Dias (coord). **O tempo e a forma**. Lisboa: Argumentum, 2014b. Cap. 1, p. 71-91 (Cadernos Murb - Morfologia urbana 1. Estudos da cidade portuguesa).

JUSTO, Rui. The transformation of a Lisbon urban block. Reading and designing with time. *Proceedings of ARCC-EAAE International Conference*, v. 1, 2018, p. 214-222.

JUSTO, Rui. *O diacronismo do tecido. 100 anos do quarteirão do Monumental*. In: COELHO, Carlos Dias (coord). **O tempo e a forma**. 1a ed. Lisboa: Argumentum, 2014. Capítulo 3, p. 50-69 (Cadernos Murb - Morfologia urbana 2. Estudos da cidade portuguesa).

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1974.

LEITE, João Silva. A Parcela. Um instrumento de leitura dos elementos lineares emergentes. In: COELHO, Carlos Dias (coord). Os elementos urbanos. Lisboa: Argumentum, 2015. Cap. 7, p. 146-165. (Cadernos Murb - Morfologia urbana 1. Estudos da cidade portuguesa).

MENDONÇA, Eneida Maria Souza *et al.* **Cidade prospectiva: o projeto de Saturnino de Brito para Vitória**. Vitória: EDUFES, 2009.

MOUDON, A. M. V. Morfologia urbana como um campo interdisciplinar emergente. *Revista de Morfologia Urbana*, Rede Lusófona de Morfologia Urbana, v.3, n.1, p.41-49, 2015.

OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva; ALMONFREY, Esdras Eduardo Pontes. A Forma Urbana do Sítio Histórico da Prainha em Vila Velha/ES: Leitura e Interpretação. *Educação Gráfica*, v. 24, n. 3, dez. 2020, P. 289-213.

PROENÇA, Sérgio dos Santos Barreiros. A rua. Os nomes das formas das ruas de Lisboa. In: COELHO, Carlos Dias (coord). Os elementos urbanos. Lisboa: Argumentum, 2015. Cap. 5, p. 100-121. (Cadernos Murb - Morfologia urbana 1. Estudos da cidade portuguesa).

_____. A resistência da forma urbana. A persistência dos traços na forma da cidade. In: COELHO, Carlos (coord). O tempo e a forma. Lisboa: Argumentum, 2014a. Cap. 2, p. 32-49. (Cadernos Murb - Morfologia urbana 2. Estudos da cidade portuguesa).

_____. **A diversidade da rua na cidade de Lisboa: Morfologia e Morfogénese**. 2014b. 715. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014b.

SÁ, Carla; BOURGUIGNON, Natália. Aterros mudaram o mapa da capital. **A Gazeta**, Especial Aterros de Vitória, 8 set. 2016, p. 4-7. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161018_aj25103_vitoria_aterros.pdf. Acesso em: 18 mai. 2020.

SANTOS, Jair. **Vila Velha: onde começou o Estado do Espírito Santo: fragmentos de uma história**. Ed. Arte Visual. Vila Velha, 1999.

SANTOS, José Rafael. *O tecido de adição. Transformações urbanas a partir do suporte infraestrutural*. In: COELHO, Carlos (coord). **O tempo e a forma**. Lisboa: Argumentum, 2014. Cap. 5, p. 94-115. (Cadernos Murb - Morfologia urbana 2. Estudos da cidade portuguesa).

SILVA, José Miguel. *A Praça. A reinterpretação do espaço público na valorização dos conjuntos patrimoniais no século XX*. In: COELHO, Carlos Dias (coord). Os elementos urbanos. Lisboa: Argumentum, 2015. Cap. 4, p. 82-99. (**Cadernos Murb** - Morfologia urbana 1. Estudos da cidade portuguesa).

TRINDADE, Luísa. *A malha. Fazer cidade no Portugal medieval: agentes, programa e execução*. In: COELHO, Carlos Dias (coord). Os elementos urbanos. Lisboa: Argumentum, 2015. Cap. 3, p. 58-81. (**Cadernos Murb** - Morfologia urbana 1. Estudos da cidade portuguesa).